

CETICISMO E INDIFERENÇA: NILISMO E ÉTICA EM PIRRO DE ÉLIS

Paulo Jonas de Lima Piva
Universidade Federal do ABC
Email: Paulo.piva@ufabc.edu.br

Resumo: Enquanto o médico Sexto Empírico, talvez influenciado por algum juramento humanitário similar ao de Hipócrates, declara nas páginas finais dos seus *Esboços pirrônicos* que o cético pirrônico é um “filantropo” e que deseja demonstrar sua filantropia curando a humanidade das perturbações causadas pelo dogmatismo, Pirro de Élis, o fundador do pirronismo, faz da indiferença (*adiaphoria*) uma das condições fundamentais para atingir a finalidade da sua filosofia, a saber, a tranquilidade ou imperturbabilidade da alma (*ataraxia*). Portanto, a indiferença, e não só em relação às pretensas verdades das doutrinas e crenças, mas em relação aos fatos, inclusive diante dos males e das dores do mundo, é uma exigência, não do pirronismo filantrópico de Sexto, mas da conduta do pirronismo original. O objetivo deste artigo é desenvolver uma reflexão sobre a indiferença no pirronismo de Pirro, sobretudo pensar as suas consequências no plano da vida prática do cético desse tipo específico de ceticismo.

Palavras-chave: Ceticismo, Ética, Indiferença, Moral, Nilismo, Pirronismo.

Abstract: While the doctor Sextus Empiricus, perhaps under the influence of some kind of humanitarian oath that was similar to Hippocrates’s one, declares in the final pages of his *Outlines of Pyrrhonism* that the Pyrrhonist is a “philanthropist” who desires to show his philanthropy through the promotion of the cure to humanity from the disturbances caused by dogmatism, Pyrrho of Elis, the founder of Pyrrhonism, considers the indifference (*adiaphoria*) a fundamental condition to reach the finality of his philosophy, in other words, the tranquility and the imperturbability of the soul (*ataraxia*). Therefore, the indifference, not only from the point of view of the alleged truths of the doctrines and beliefs but also from the point of view of the facts, including the evil and the pain of the world, is an exigence, not from the Sextus’s philanthropic Pyrrhonism, but from the conduct of the original Pyrrhonism. The aim of this paper is to develop a reflection on the indifference in Pyrrho’s Pyrrhonism, especially thinking about the consequences in the sphere of the practical life of the skeptic of this specific kind of skepticism

Keywords: Skepticism, Ethics, Indifference, Morals, Nihilism, Pyrrhonism.

1 Introdução: o cético e o niilista

Em linhas bem gerais, introdutórias e didáticas, podemos dizer que o cético não é aquele pensador que rigorosamente não crê em nada, tampouco aquele que crê, por inclinação metafísica e resignação pessimista, no *nada*. Ou seja, num primeiro momento, não devemos confundir o cético com um *niilista* ou com um pessimista metafísico advogado de dogmas negativos. Também em linhas gerais poderíamos

dizer que o cético não é aquele que duvida absolutamente de tudo, a ponto de não ter nenhuma crença. Um certo nível e uma certa intensidade de crença devem existir na fala e nas decisões práticas do cético, caso contrário o ceticismo seria uma doutrina impossível de se viver efetivamente no cotidiano. Uma crença fraca, passiva, subordinada às aparências, desconfiada de si mesma, não definitiva eventualmente, enfim, um certo tipo de crença, uma crença *fenomênica* mais precisamente, seria essa mínima crença do cético que tornaria sua vida viável e praticável. Portanto, não tomemos o cético como a encarnação da dúvida hiperbólica cartesiana, isto é, como aquela suspensão do juízo absoluta que não poupa, inclusive, as verdades matemáticas, e, sobretudo, a própria experiência dos fenômenos, a ponto de colocar em questão se estaríamos realmente pensando quando efetivamente pensamos. E, é claro, não poderíamos deixar de explicar mais uma vez que o cético não é aquele que nega a existência ou a possibilidade de encontrarmos verdades absolutas e definitivas na experiência humana, ou quaisquer outras verdades, que assevera que nada pode ser conhecido e que a realidade é incognoscível. Dito de outro modo, o cético não seria um dogmático às avessas, já que o dogmático, nesse caso, é aquele que afirma que a realidade é cognoscível e que o seu discurso sobre ela é o verdadeiro, uma vez que este descreveria com exatidão o real tal como ele é. Nesse sentido, o cético não seria um negativista epistemológico, um misóssofo, um misólogo ou coisa do tipo. Ou, como faz questão de ressaltar André Comte-Sponville, o cético não seria um *sofista*, este sim, na interpretação do filósofo francês, alguém que afirma que nada é verdadeiro ou que tudo é mentira, o que significa negar que a verdade absoluta exista ou que esta possa ser conhecida, em última instância, que a verdade seria relativa, na medida em que, na concepção do sofista, o indivíduo seria o critério, a fonte e a medida da explicação do mundo (Comte-Sponville, 2002, p.59).

A chave para entender adequadamente o cético, argumenta Comte-Sponville, seria defini-lo com base na noção de incerteza: ser cético é pensar que nada é certo, ou seja, que tudo é duvidoso, que tudo é incerto, inclusive, que também é incerto e duvidoso que tudo é incerto e duvidoso. Assim sendo, continua Comte-Sponville, o ceticismo não é o contrário do racionalismo ou da própria racionalidade. Na verdade, segundo o mesmo Comte-Sponville, o ceticismo seria um “racionalismo lúcido” (Comte-Sponville, 2002, p.59), que teria como o seu contrário o dogmatismo, enquanto a sofística, perspectiva negadora da existência ou da possibilidade do conhecimento da verdade, seria, esta sim, uma posição contrária ao racionalismo, à racionalidade, à lógica, à filosofia, ao conhecimento, enfim, ao próprio pensamento lógico e racional. Enquanto o cético rejeita e foge em seus raciocínios da contradição, o sofista, por sua vez – e Comte-Sponville tem em mente explicitamente a figura de Nietzsche como o nosso mais expressivo sofista contemporâneo (Comte-Sponville, 2002, p.62) –, contradiz-se em suas proposições, e o faz sem nenhuma preocupação ou constrangimento, pois não tem a coerência, a verdade e o conhecimento como valores, afinal, afirmar que a verdade não existe implica assumir a contradição de que também não é verdade que a verdade não existe. O desdobramento prático de tanta negação, contradição e indiferença da sofística, adverte Comte-Sponville, não será nada alvissareiro: será o niilismo do tudo é permitido - ou, se quisermos, o imoralismo cínico - no plano moral e, no plano jurídico-político, o dismantelamento dos fundamentos da democracia e do Estado de direito, já que, sem a referência da verdade, perdem o sentido concomitantemente todas as distinções que configuram esse universo prático e institucional do ser humano, dentre elas, a diferença entre justiça e injustiça, culpado e inocente, honestidade e desonestidade, fato e mentira, superstição e ciência, realidade e ficção, liberdade e opressão, ditadura e democracia. “Se podemos pensar qualquer coisa”, pondera Comte-Sponville a respeito do relativismo nivelador da sofística, “podemos

fazer qualquer coisa: a sofisticada conduz ao niilismo, assim como o niilismo leva à barbárie” (Comte-Sponville, 2002, p.63).

Ora, não seria uma temeridade e um equívoco falarmos em “cético” e em “ceticismo” no singular e em termos bastante gerais e abstratos, como fizemos acima, mesmo que endossados por Comte-Sponville, quando olhamos atentamente para o ceticismo na história da filosofia?

De fato, pensando a princípio no ceticismo antigo, comparando, por exemplo, Pirro a Arcésilas e Carnéades, Arcésilas e Carnéades a Sexto Empírico e Sexto Empírico a Pirro, a impressão que fica de seus perfis filosóficos é que estes foram filósofos que desenvolveram cada um deles ceticismos com características próprias, porém, obviamente, com particularidades em comum, a principal delas, a suspensão do juízo como resultado e posição diante dos discursos e das doutrinas em disputa sobre a natureza e a verdade das coisas. No caso do ceticismo moderno, quando pensamos em filósofos como Montaigne, Pierre Bayle ou em David Hume, a questão é ainda mais complexa, a começar da falta de consenso entre os estudiosos se tais filósofos devem ou não ser considerados de fato céticos. Entretanto, se os considerarmos céticos, teremos então nesse caso três ceticismos singulares e diversos, com diferenças dadas mais no nível da minúcia, portanto, teríamos ceticismos modernos, no plural. O mesmo constatamos no ceticismo contemporâneo. Sua variedade também pode ser percebida quando comparamos filósofos tão diferentes entre si como Bertrand Russel, Emil Cioran, Oswaldo Porchat, Robert Fogelin, Plínio Smith e Marcel Conche, que não só escreveram sobre o ceticismo, como se definem, cada um a seu modo, como céticos.

Mas o que haveria de fato do pensamento do fundador Pirro de Élis no modo de pensar e na maneira de viver desses filósofos que se dizem, além de céticos, especificamente céticos pirrônicos, como é o caso do antigo Sexto Empírico e do contemporâneo e vivo Marcel Conche? Conche, aliás, é autor de *Pirro ou a aparência*, livro de 1973, reeditado em 1994, totalmente dedicado ao pirronismo de Pirro, isto é, sem a intermediação dos *Esboços* de Sexto, e que merece um tratamento privilegiado num outro artigo (Conche, 1994).

Para responder à ortodoxia dessa pergunta temos de voltar, no que for possível, ao próprio Pirro, a esse sábio contemporâneo de Aristóteles sobre o qual pouco sabemos com segurança, que de acordo com Victor Brochard, no seu livro *Os céticos gregos*, seria um dos filósofos menos conhecidos da Antiguidade (Brochard, 2009, p. 65), e que, segundo Gabriela Gazzinelli, no seu livro *A vida cética de Pirro*, não nos legou nenhuma obra escrita, exceto um poema de louvor a Alexandre Magno de conteúdo nada filosófico (Gazzinelli, 2009, p.54).

2 O pirronismo de Pirro

Como Pirro não registrou em escrita o seu pensamento, conhecer como ele pensou de fato, saber quais foram realmente as suas ideias antes de elas serem digeridas pelas interpretações dos seus discípulos, divulgadores e difamadores, tornou-se um grande problema de fonte para os estudiosos do seu ceticismo. Uma alternativa é recorrer aos doxógrafos e às suas narrativas bastante suspeitas sobre a filosofia antiga, como é o caso de Diógenes Laércio, doxógrafo do século III da era cristã, e suas célebres *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, onde encontramos, a propósito, no seu livro IX, um capítulo intitulado “Pirro” (D.L IX 61-108), que é um dos documentos mais importantes que temos sobre o filósofo de Élis, apesar do seu tom anedótico e de suas eventuais imprecisões e equívocos (Diogène Laerce, 1999, p.1099-1138). Outra possibilidade é aceitar que a doutrina sistematizada nos *Esboços pirrônicos* de Sexto Empírico, autor que viveu nos séculos II e III da era cristã, seja

uma interpretação fidedigna do pensamento de Pirro. Vale dizer que Pirro é um filósofo dos séculos IV e III *antes* de Cristo, e Sexto Empírico, um filósofo do século II e III *depois* de Cristo. Isso significa efetivamente que, no mínimo, quatro séculos separam a filosofia oral de Pirro dos esboços que Sexto afirma serem pirrônicos. Estamos falando aqui de quase meio milênio de transmissão de uma filosofia, tempo certamente marcado pela precariedade dos registros dessas ideias e por empecilhos, desvios e incertezas na integridade da sua comunicação. Em termos mais metafóricos e didáticos, um longo telefone sem fio separa o pirronismo oral e original de Pirro do pirronismo escrito, organizado e reivindicado por Sexto Empírico, o que nos impõe várias indagações, as principais delas recorrentes, levantadas e respondidas com perspicácia hipotética e rigor pelo menos desde a obra-prima de Victor Brochard sobre o ceticismo antigo, isto é, desde 1887.

Não obstante, a primeira dessas indagações que somos levados a refazer sobre a transmissão histórica do pirronismo diz respeito ao pirronismo dos *Esboços pirrônicos*. Dadas as dificuldades práticas e documentais da sua transmissão no decorrer dos séculos entre Pirro e Sexto, seria o pirronismo descrito nos *Esboços* o mesmo pirronismo original proferido pelo próprio Pirro? Em outras palavras, o essencial das ideias de Pirro teria se preservado de Timão, considerado o primeiro e principal discípulo direto de Pirro, a Sexto, passando por Enesidemo, no século I antes de Cristo, outra figura fundamental da história do pirronismo? Mais: não seria o ceticismo pirrônico de Sexto Empírico, na verdade, um ceticismo *sextiano*, isto é, um pirronismo já modificado e moldado às reflexões pessoais e ao tempo histórico do próprio Sexto? E se o ceticismo de Sexto, por mais que este fale como um pirrônico nos *Esboços* – sobretudo a partir do capítulo 10 do seu Livro I (P.H I, 19), quando a primeira pessoa do plural é explicitamente assumida pelo autor ao explicar esse ceticismo (Sextus Empiricus, 1997, p.65) –, não for o ceticismo do próprio Pirro, onde encontraríamos então o pirronismo do próprio Pirro, já que, como sabemos, este não o verbalizou em escrita? O ceticismo do Pirro de Diógenes Laércio – este, outra das fontes mais exploradas sobre Pirro – seria mais confiável do que o pirronismo dos *Esboços*? Ou seja, o pirronismo que aparece na doxografia de Diógenes Laércio, em especial no capítulo em que Pirro é o protagonista, seria esse pirronismo doxográfico o genuíno pirronismo, o pirronismo mais fiel a Pirro, portanto, o pirronismo mais puro do que o pirronismo do qual Sexto se faz partidário e porta-voz? É importante dizer que a doxografia de Diógenes Laércio sobre Pirro, repleta de fontes sobre tal cético, baseou-se também, em alguma medida, nos próprios textos de Sexto, já que Diógenes é posterior a Sexto e faz referência explícita a este e a seus escritos no livro IX das suas *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* (D.L IX, 87, 116) (Diogène Laerce, 1999, p. 1121 e 1145).

De acordo com Gabriela Gazzinelli, alguns eruditos – e não todos – entendem que as narrativas de Diógenes Laércio sobre os filósofos antigos, incluindo suas informações e relatos sobre Pirro, não passariam de um conjunto de fofocas nada inteligentes (Gazzinelli, 2009, p.37). Do mesmo modo é importante considerar, como faz Victor Brochard, que há uma outra versão sobre Pirro além das de Diógenes Laércio e Sexto. Trata-se da versão de Cícero, expressa no seu *Acadêmicas*, portanto, um retrato de Pirro feito pela perspectiva da tradição da Nova Academia, vale lembrar, uma corrente rival do pirronismo no mundo antigo, que também se colocava no debate como cética (Brochard, 2009, p.65). A propósito, de acordo com Gabriela Gazzinelli, foi esse mesmo Cícero o primeiro a usar o termo “pirrônico” (Gazzinelli, 2009, p.80)

Tudo leva a crer então que tentar reconstruir o pirronismo do próprio Pirro com base em Sexto Empírico, Diógenes Laércio ou em Cícero seria um empreendimento de mais conjecturas, ilações e incertezas do que de fatos e garantias. Contudo, trata-se de um empreendimento necessário, sobretudo para o

propósito deste artigo, que é tentar entender a indiferença no pirronismo de Pirro. Em termos mais rigorosos e pontuais, examinaremos aqui o conceito de *adiaphoria* em Pirro, um assunto, ao que parece, que desperta pouco interesse, para não dizer algum constrangimento, entre os estudiosos do pirronismo, em particular naqueles que interpretam o pirronismo pela explicação dos *Esboços pirrônicos*, os quais, vale dizer, são a maioria. Estes, a propósito, acabam tratando e valorizando Sexto mais como um epistemólogo, isto é, como um pensador que faz das possibilidades do conhecimento a sua questão prioritária. Sendo a indiferença em Pirro, e de Pirro, um assunto de caráter, digamos, essencialmente moral, na medida em que Pirro foi mais um sábio no sentido de fazer do seu ceticismo um modo de vida, uma ética, uma prática para a felicidade, em suma, um pensar comprometido mais com a utilidade do que com a verdade, do que propriamente um epistemólogo, esse desinteresse pelo tema por parte dos estudiosos que entendem o pirronismo pelo filtro de Sexto é bastante compreensível.

Essa distinção entre o epistemólogo e o moralista remete-nos à classificação feita por Victor Brochard, no seu clássico *Os cétricos gregos*, para entendermos melhor a história do ceticismo antigo. Para Brochard, o ceticismo antigo teria no geral quatro momentos, sendo três momentos referentes ao ceticismo pirrônico e um referente ao ceticismo acadêmico. O primeiro período do ceticismo pirrônico, em que o protagonista é Pirro, seguido de seu discípulo Timão, Brochard chama de “ceticismo moral” ou “ceticismo prático”; o segundo período do pirronismo seria o do “ceticismo dialético”, representado por Enesidemo e Agripa; e, por fim, o terceiro período do pirronismo, o qual Brochard denomina “ceticismo empírico”, teria como principal representante o médico Sexto Empírico (Brochard, 2009, p.53-55). Nesse sentido, como o nosso propósito aqui é refletir sobre as consequências práticas da indiferença na vida individual e coletiva de um pirrônico não sextiano, é esse “ceticismo moral ou prático” do quadro de Brochard que iremos explorar mais detidamente a partir de agora.

3 A indiferença de Pirro

Lemos no livro de Gabriela Gazzinelli que, curiosamente, “ao contrário de Enesidemo, Sexto é mais reservado em suas alusões a Pirro”, que o médico chega a falar mais de Timão, o discípulo mais próximo de Pirro, do que do próprio Pirro, e pelo seguinte motivo: “É possível que considere um tanto embaraçoso o liame com Pirro em virtude de este defender uma posição filosófica que não se ajusta perfeitamente ao pirronismo tardio” (Gazzinelli, 2009, p.75). E que “posição filosófica que não se ajusta perfeitamente ao pirronismo tardio” seria essa? Segundo Gazzinelli, “a afirmação da indiferença das coisas” (Gazzinelli, 2009, p.75). E por que essa indiferença (*adiaphoria*) afirmada por Pirro seria assim tão constrangedora e comprometedora para o ceticismo aos olhos de Sexto Empírico? Gazzinelli responde que a indiferença em Pirro, na interpretação de Sexto, teria o peso de uma “tese metafísica positiva”, isto é, de uma explicação sobre a natureza das coisas, o que faria do pirronismo de Pirro, portanto, um dogmatismo (Gazzinelli, 2009, p.75). Nesse sentido, poderíamos então entender o ceticismo sextiano como um esforço para depurar o pirronismo original dos seus elementos dogmáticos, portanto, como um ceticismo mais cético do que o do seu fundador.

A explicação dada por Gazzinelli para o paradoxal fato de Sexto, que se define como um pirrônico (P.H I, 19), não se comprometer totalmente com a doutrina de Pirro, é bastante razoável, e é de natureza metafísica. A essa explicação acrescentaríamos uma segunda, e de ordem moral.

No capítulo que finaliza o terceiro e último livro dos *Esboços pirrônicos*, o capítulo trinta e dois mais exatamente (P.H III, 280), lemos a seguinte declaração do médico cético Sexto Empírico: “O cético, pelo fato de que ele ama a humanidade, quer curar pelo poder da argumentação a presunção e a precipitação dos dogmáticos” (Sextus Empiricus, 1997, p.523). Ou seja, o cético sextiano é um filantropo, e um filantropo, além de fazer questão de se declarar publicamente como tal, um filantropo ativo na promoção da sua filantropia. Disso podemos inferir que, como filantropo, esse tipo de cético seria movido, obviamente, por sentimentos humanitários, porém, é importante ressaltar, de maneira moderada, já que, como deixa claro o próprio Sexto no capítulo XII, do livro I, dos *Esboços* (P.H I, 25), o cético faz da moderação dos afetos um dos elementos fundamentais da sua filosofia, na verdade, uma das finalidades da sua conduta (Sextus Empiricus, 1997, p.69). Como a passagem da filantropia dos *Esboços* indica, sentimentos como a compaixão e a empatia parecem fazer parte dessa filantropia cética. O pirrônico declarado Sexto seria alguém que se sensibiliza então com os males e as dores que afligem a humanidade, e não só com aquelas perturbações causadas pelas crenças dogmáticas, afinal, seria uma filantropia bastante específica se ela se restringisse a remediar perturbações provocadas tão-somente por questões de natureza teórica, afinal, Sexto, além de filósofo, era médico. Ocorre que uma pessoa com essa índole, sensibilidade e ofício dificilmente conseguiria se manter impassível diante das mazelas alheias de origem não apenas teórica, ela não conseguiria dar de ombros para situações em que haja infortunados para além das perturbações provocadas por divergências e aporias filosóficas. Ademais, como médico, portanto, no exercício de uma atividade voltada para salvar vidas e remediar sofrimentos fisiológicos, não é impossível que tal altruísmo de Sexto tenha sido influenciado pela ética da sua profissão, pelo espírito de um juramento similar ao do célebre juramento altruísta de Hipócrates. Sendo assim, podemos concluir que a indiferença diante da intranquilidade, da perturbação, logo, do sofrimento alheio, não teria lugar na moralidade de um cético como Sexto Empírico.

Deixemos os *Esboços* de lado por ora e voltemos a Pirro e à sua indiferença. Como seria a indiferença no ceticismo de Pirro? Como entendê-la exatamente? Qual teria sido seu peso e papel no modo de pensar e viver do filósofo de Élis - que, curiosamente, também fora sacerdote (D.L IX, 64) (Diogène Laerce, 1999, p.1102) -, em especial, na sua moralidade?

Em *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, de Diógenes Laércio, no capítulo dedicado a Pirro (D.L IX, 61-108) (Diogène Laerce, 1999, p.1099-1138), encontramos várias passagens sobre o filósofo cético que nos remetem à ideia de indiferença. É preciso ressaltar em primeiro lugar que a finalidade última do ceticismo de Pirro era alcançar a tranquilidade, mais precisamente, a imperturbabilidade da alma, ou, em linguagem técnica, a *ataraxia*. Para isso, o meio mais eficaz encontrado por Pirro foi viver indiferente a tudo, não só às disputas filosóficas. A propósito, poderíamos dizer que a suspensão do juízo, noção fundamental do pirronismo de um modo geral, já seria uma forma de indiferença, especificamente uma forma de indiferença teórica, no caso, pelas pretensões de verdade dos diferentes e destoantes discursos e doutrinas. Isso significa que encontraremos mais de uma noção de indiferença na conduta cética de Pirro.

A indiferença no ceticismo de Pirro aparece logo nas primeiras linhas do livro de Diógenes Laércio. Lemos nelas que, além de ter introduzido as ideias de inapreensibilidade das coisas e de suspensão do juízo, Pirro

dizia, com efeito, que nada é belo nem feio, justo nem injusto, e que, da mesma maneira para todos (os atributos desse tipo), nada existe em verdade, mas que é por costume e por hábito que os homens fazem tudo o

que fazem, pois, segundo ele, cada coisa não é mais isso do que aquilo (D.L IX, 61) (Diogène Laérce, 1999, p.1100).

Verificamos explícitos nessa passagem pelo menos três tipos de indiferença da parte de Pirro: 1) uma indiferença estética, pois nada seria belo nem feio na sua avaliação; 2) uma indiferença moral e política, uma vez que não haveria para ele diferença entre o justo e o injusto; 3) e uma indiferença epistemológica, na medida em que, para ele, nada existiria em verdade, isto é, não haveria, no seu entender, como distinguir o verdadeiro do falso. Além disso, merece destaque a expressão “não mais isso do que aquilo”, pois sintetiza com clareza o significado essencial da indiferença, na verdade, uma maneira mais neutra do pirrônico dizer “tanto faz”, “dá no mesmo”, “tudo se equivale”, com o risco moralmente preocupante, por conseguinte, de também significar na prática “pouco importa”, “não vale a pena perturbar-se com isso”, “não estou nem aí com nada”.

Para quem conheceu o ceticismo pirrônico estudando os *Esboços*, as exegeses dos neopirrônicos e os comentadores contemporâneos do ceticismo de Sexto, é impressionante a desproporção entre a quantidade de passagens em Diógenes Laércio referentes a Pirro e, sobretudo, à indiferença e o desprezo dado por Sexto e por seus seguidores a essa noção - aliás, essa parece ser a única indiferença no ceticismo sextiano.

Selecionemos aqui mais passagens expressivas de Diógenes Laércio sobre a indiferença de Pirro.

Conta-nos Diógenes Laércio que se dizia de Pirro que ele não se desviava das coisas que ele encontrava pelo caminho, inclusive de carroças e despenhadeiros, isso por que ele não confiava nas suas sensações, assim, ele era indiferente a elas. Entretanto, ele contava com a ajuda das pessoas para não se machucar ou até morrer (D.L IX, 62) (Diogène Laerce, 1999, p.1100). Temos aqui uma situação clara de indiferença, na verdade, uma situação radical, exagerada e, por isso, jocosa de indiferença, no mínimo, de indiferença pela própria vida, portanto, uma indiferença moral, além de uma indiferença pela percepção verdadeira ou falsa do mundo, ou seja, uma indiferença epistemológica.

Lemos também em Diógenes Laércio que Pirro apreciava a vida solitária. Ao que parece, nenhum ser humano lhe fazia falta. Se o seu interlocutor o deixasse falando sozinho numa conversa, Pirro continuava seu discurso para si mesmo, sozinho (D.L IX, 63) (Diogène Laerce, 1999, p.1101). Trata-se de uma indiferença pelo convívio social, pelo outro, em última instância, pela humanidade, de uma indiferença moral portanto, algo, aliás, nada filantrópico se lembrarmos dos princípios éticos do ceticismo de Sexto. A mesma indiferença pelas pessoas encontramos em Fílon, discípulo de Pirro. Narra Diógenes Laércio citando Timão que Fílon também apreciava a solidão, que ele vivia, falava e estudava sozinho, que ele deprezava debates e não tinha nenhuma preocupação com a glória (D.L. IX, 69) (Diogène Laerce, 1999, p.1106). Portanto, no pirrônico Fílon constatamos um outro tipo de indiferença: a indiferença pela glória, em termos mais contemporâneos, a indiferença pela fama e pela celebridade.

De acordo ainda com Diógenes Laércio, Pirro vagava junto com qualquer um que o convidasse a caminhar do seu lado (D.L. IX, 63) (Diogène Laerce, 1999, p.1101). Ou seja, Pirro não tinha nenhuma preocupação com o que pudesse acontecer com ele pessoalmente viajando ao lado de um desconhecido. Ausência de medo, de precaução, de cuidado com a própria sobrevivência. Em outras palavras, indiferença pelo perigo, indiferença pela conservação da própria vida, em suma, indiferença moral pelo mal que pode vir dos outros.

Contudo, a passagem da obra de Diógenes Laércio mais eloquente sobre a indiferença moral de Pirro, a mais escandalosa para a moralidade universal, é certamente a da queda de Anaxarco no pântano. Pirro caminhava junto com o seu mestre Anaxarco quando, de repente, Anaxarco caiu num pântano. Para não prejudicar a sua *ataraxía*, a reação de Pirro diante do fato foi, não salvar o mestre de um afogamento, mas continuar caminhando, como se nada de mal tivesse acontecido, sem se deixar afetar pela situação de desespero de um ser humano que se afogava próximo a ele. Pirro então manteve-se firme e disciplinado na manutenção da sua *ataraxía* e não socorreu o seu mestre, o qual, por pouco, não morreu, sendo salvo pelos seus demais discípulos (D.L. IX, 63) (Diogène Laerce, 1999, p.1101). Nesse episódio Pirro mostrou-se indiferente para com uma vida humana em risco, uma indiferença, aliás, radicalmente individualista, em suma, uma indiferença imoral. Vale dizer que, depois de salvo, Anaxarco, contra todas as expectativas e indignação, elogiou a indiferença demonstrada pelo seu discípulo Pirro, ratificando assim como sabedoria a máxima individualista de que não há nada mais importante na vida de um indivíduo do que a sua própria tranquilidade, nem a compaixão ou a empatia, nem a filantropia, nem os deveres da moral que nos obrigam a nos ajudarmos uns os outros em situações como a de Anaxarco. Sexto, ao que tudo indica, não endossaria a aprovação de Anaxarco à atitude do seu discípulo. Como médico de valores filantrópicos, talvez julgasse esse Pirro indiferente e inflexível na preservação da sua *ataraxía* como a maioria das pessoas, ou seja, como um frio e desalmado monstro moral, capaz de esquartejar o próprio pai se isso lhe fosse ordenado, sem sentir nada por isso, como argumentam alguns dogmáticos, lembra Diógenes Laércio (D.L. IX, 108) (Diogène Laerce, 1999, p.1138).

Outra passagem de Diógenes Laércio que nos remete à indiferença no pirronismo original é o relato de que Pirro mostrou-se absolutamente impassível e tranquilo quando lhe cauterizaram uma ferida (D.L. IX, 67) (Diogène Laerce, 1999, p.1104). Trata-se aqui de uma indiferença à dor, e a uma dor física, importante ressaltar, o que sugere mais uma vez uma associação entre a indiferença (*adiaphoria*) e a imperturbabilidade da alma (*ataraxía*), e sem a mediação da suspensão do juízo (*epoché*). A propósito, ao contrário do que ocorre no ceticismo sextiano, no ceticismo de Pirro a indiferença parece ter um papel mais importante e determinante do que a suspensão do juízo no processo para se obter a *ataraxía*, ou “insensibilidade” (no sentido de “ausência de afecções”), ou ainda “brandura” ou “suavidade”, que, segundo Diógenes Laércio, é a finalidade, o objetivo último, da conduta pirrônica (D.L. IX, 108) (Diogène Laerce, 1999, p.1138).

A última passagem das *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* em que a questão da indiferença no pirronismo de Pirro é visível é o episódio de Pirro num navio, em meio a uma terrível tempestade, ensinando aos marinheiros assustados que a maneira mais sábia de reagir a aquela situação era fazer como um porquinho daquela mesma embarcação, o qual se alimentava sereno e indiferente aos relâmpagos e à violência das ondas da tormenta (D.L. IX, 68) (Diogène Laerce, 1999, p.1105). Temos aqui, ao que parece, uma outra metáfora da indiferença, a indiferença de Pirro pelas intempéries existenciais, pelas vicissitudes e pelo destino, uma mensagem de arte de viver que diz que não vale a pena se preocupar, perturbar-se com os fatos, por piores que eles forem, enfim, que só a indiferença pode garantir a *ataraxía*.

Antes de entrarmos na relação entre Pirro, moral e felicidade é preciso esclarecermos o seguinte no que diz respeito à ideia de indiferença: uma coisa é a indiferença *das* coisas, outra coisa é a indiferença *pelas* coisas. A indiferença *das* coisas é uma indiferença num sentido ontológico, isto é, é externa ao sujeito, independente do indivíduo, objetiva. A indiferença *pelas* coisas, por sua vez, tem um

sentido moral, portanto, é interna ao sujeito, dependente das particularidades do indivíduo, subjetiva. As coisas fora do sujeito e do indivíduo, na sua espontaneidade ontológica, na sua objetividade, seriam instáveis, opacas ao conhecimento, obviamente, indiferentes ao ser humano em sua falta de percepção e consciência. Já do ponto de vista do sujeito e do indivíduo, este é que será indiferente em seu juízo em relação às coisas. Assim sendo, é esta segunda acepção de indiferença que nos importa aqui, a indiferença moral ou prática do ceticismo de Pirro. E o mais perturbador nessa indiferença moral pirrônica é que a imoralidade pode ser uma das suas consequências práticas, haja vista seu dar de ombros e o seu desprezo pelos deveres mais básicos de uma vida social, como bem sugere o episódio da queda de Anaxarco no pântano, em que Pirro, ao deixar de socorrer Anaxarco, preferiu deixar um semelhante seu morrer afogado a abrir mão da sua comodidade e da sua *ataraxia*. Ora, não haveria algo de niilista nessa indiferença de Pirro pela vida de um outro ser humano, ainda mais sendo esse ser humano seu mestre, portanto, alguém concreto, real, próximo do seu convívio, além de um egoísmo assustador? Em outras palavras, o ceticismo de Pirro no plano da moral teria como corolário e efeito prático o niilismo, com os seus desdobramentos corrosivos e sombrios?

4 Pirronismo, niilismo, *ataraxia*

Ao contrário do seu discípulo André Comte-Sponville, que, como vimos, esforça-se para desvencilhar o cético do sofista niilista, Marcel Conche é um estudioso que relaciona o ceticismo de Pirro com o niilismo sem nenhuma hesitação ou receio. No seu livro *O sentido da filosofia*, mais exatamente no seu ensaio “O ceticismo e o sentido da filosofia”, de 1998, o pirronismo é definido como “a filosofia da aparência pura”: “A filosofia da aparência pura é o pirronismo - entendendo por isso, no sentido estrito, a filosofia de Pirro” (Conche, 2006, p.29). Conche quer dizer com isso que a aparência não deve ser pensada, como tradicionalmente sempre se pensou, em dicotomia com uma essência, pois esta não passaria de uma fábula ontológica. A aparência simplesmente não teria essência. Ou seja, não há um ser, nenhum além ou aquém substancial dos fenômenos, apenas uma “aparência absoluta”, a qual consistiria numa sucessão de momentos fugazes e de imagens sem substratos permanentes (Conche, 2006, p.30). Em objeção a Conche, um cético sextiano poderia argumentar que essa ideia de “aparência absoluta” seria uma noção absolutamente metafísica, portanto, um tipo de expediente com o qual um cético, em princípio, não deveria se ocupar, já que se trata de algo não fenomênico, concernente a uma explicação da realidade tal como ela é, logo, passível de suspensão do juízo. Dito de outro modo, advogar a tese de uma “aparência absoluta” seria dogmatizar.

O Pirro da interpretação de Conche não deixa de perambular pelas nuvens obscuras da metafísica. Mas ele o faz despreziosamente, descrevendo a sua experiência reflexiva da forma mais fenomênica, empírica, pessoal e idiossincrática possível, isto é, formulando e conjecturando, como um cético sextiano também poderia fazer sem dogmatizar, ou seja, procedendo de acordo com o que lemos logo no primeiro capítulo do livro um dos *Esboços* de Sexto: “para cada coisa fazemos, como historiador, um relato conforme o que nos aparece no momento” (P.H. I, 4) (Sextus Empiricus, 1997, p.53). E é nesse sentido, dizendo apenas o que lhe aparece, como faria qualquer narrador relatando tão-somente uma experiência pessoal de impressões, sensações e emoções, sem garantir que o que está sendo dito, percebido, sentido e relatado seja a tradução ou corresponda exatamente ao que está sendo descrito e registrado, mesmo quando o assunto em questão seja de caráter metafísico, que Conche afirma que o pirronismo é um niilismo: “O niilismo de Pirro não é somente um niilismo do ente e do ser, mas um niilismo quase universal”

(Conche, 2006, p.33). E o que Conche entende exatamente por “nihilismo quase universal”? Que Pirro seria niilista em quase todos os assuntos, menos num ponto, destaca o próprio Conche: Pirro seria niilista em metafísica, religião, moral, epistemologia, política e estética, só não seria niilista em ética (Conche, 2006, p.33).

Marcel Conche é daqueles filósofos que diferenciam ética de moral. Ética, para ele, seria sinônimo de sabedoria, de modo de vida, um conjunto de reflexões que procura responder a questões práticas como “Para que serve a vida?” e “Como viver?”. Já a moral Conche entende como os deveres e as obrigações que teríamos um para com o outro. Isto posto, no que tange estritamente à moral, Conche afirma que, para Pirro, não teríamos individualmente nenhum dever ou obrigação para com o outro e vice-versa. Nesse sentido, sentencia Conche, Pirro seria um niilista em moral. E o que seria na prática um niilista em moral? Um amoral por definição, diríamos, e um imoralista conforme a ocasião, acrescentaríamos. Por outro lado, o Pirro de Conche pensa que a vida tem uma serventia, acredita a seu modo que a vida serve para sermos felizes, o que significa que esse Pirro de Conche não seria um niilista em ética, já que tem uma resposta positiva e afirmativa para a pergunta “para que serve a vida?” (Conche, 2006, p.33). Tal cético suspende o seu juízo sobre a distinção entre verdadeiro e falso, bem e mal, justo e injusto, belo e feio, mas não sobre a felicidade e a infelicidade. Esse Pirro posiciona-se a favor da felicidade, dá assentimento à necessidade de sermos felizes, comporta-se para ser feliz (Conche, 2006, p.34). Por conseguinte, uma inevitável e colossal questão se impõe a essa leitura contemporânea francesa do pirronismo: como ser feliz em situação de *nihilismo quase universal*?

Ora, responderia esse sábio pirrônico, o que torna possível ser feliz num nihilismo quase universal seria o exercício da *indiferença*, isto é, ser indiferente a tudo: às questões e às verdades filosóficas, às explicações científicas, às promessas e ameaças das religiões, aos dogmas e às culpas morais, às crenças ideológicas, às utopias políticas, às teorias artísticas e aos padrões estéticos, às definições, critérios e juízos de valor, ao próprio ceticismo. O sábio pirrônico só não pode ser indiferente à própria *ataraxia*, serenidade e felicidade, ideias estas, aliás, que parecem se confundir e se igualar no raciocínio de Conche. A propósito, podemos inferir que essa indiferença total em relação a tudo o que se situar fora do campo da *ataraxia* do sábio pirrônico inclui também a ideia de impassibilidade, a qual, segundo os dicionários de português, na sua definição mais imediata, seria um tipo específico de indiferença, a indiferença ao sofrimento. Nessa direção, em termos menos abstratos, poderíamos concluir que essa sabedoria do Pirro de Conche preconizaria a indiferença também em relação aos problemas humanos que mais perturbam a nossa sensibilidade moral e política, por envolverem opressão, exploração, crueldade, dor e descaso: indiferença à corrupção, às desigualdades e à exclusão social, à fome, ao racismo, ao machismo, à homofobia, à xenofobia, à intolerância e ao fanatismo, aos ataques à democracia, ao abuso de autoridade, à tortura, à violência sexual contra as crianças e as mulheres, à manipulação midiática, ao negacionismo, ao abandono dos idosos, à destruição ambiental.

De fato, a indiferença e frieza em face de tantas desgraças humanas, animais e ambientais, temos de admitir, é, além de uma capacidade e peculiaridade impressionantes, uma eficiente terapia individual para quem deseja se manter sereno, a despeito de ser uma escolha imoral e apolítica. Solução egoísta? Não necessariamente. Individualista? Sim, o que não é o mesmo que egoísmo, vale dizer, afinal, Pirro não empurrou Anaxarco no pântano para vê-lo morrer afogado, Pirro simplesmente não se sensibilizou com o infortúnio do seu mestre, fato este, importante frisar, que não fora provocado por Pirro e sim pelo acaso. Em outras palavras, poderíamos dizer que Pirro teria sido egoísta caso tivesse deliberada e ativamente empurrado seu mestre no pântano com o objetivo de matá-lo e com isso

obter alguma vantagem para si. Contudo, ao mesmo tempo, poderíamos pensar o episódio de Anaxarco como um caso de egoísmo por omissão, consequência da passividade inerente à indiferença. Conclusão: em nenhuma perspectiva é possível dizer que a atitude de Pirro com o seu mestre foi moral, porém, também é inegável que ela foi ética no sentido dado por Conche, na medida em que sua indiferença garantiu ao próprio Pirro, do modo mais individualista e egoísta possível, a manutenção da sua própria *ataraxia*, que é o que realmente importa para um cético.

A interpretação do pirronismo feita pelo francês Marcel Conche promove uma conciliação bastante inusitada, sobretudo para os padrões dos especialistas em ceticismo de influência anglo-saxã: compatibiliza ceticismo com niilismo, ignora Sexto Empírico como filósofo pirrônico fundamental, faz da indiferença uma ideia-chave do pirronismo, mais importante até do que a própria suspensão do juízo, trata como sinônimos *ataraxia* e felicidade e entende o pirronismo essencialmente como uma sabedoria. Entretanto, é necessário evitarmos possíveis equívocos e injustiças. A essa altura cabe ressaltarmos que Marcel Conche, apesar de se definir como um cético pirrônico, deixa bem claro que o seu pirronismo diverge do pirronismo de Pirro (Conche, 2006, p.33) e aproxima-se mais do pensamento de Montaigne, que ele considera um filósofo cético (Conche, 2006, p.34). O ponto principal de divergência e distanciamento de Conche em relação a Pirro será o *niilismo quase universal* do pirronismo de Pirro. Conche declara que, ao contrário de Pirro, seu niilismo seria mínimo. Em primeiro lugar, Conche não seria um niilista em moral, pois o que não falta em sua filosofia é compaixão, consciência do dever e senso de compromisso com o bem-estar do outro. Conche também não seria um niilista em ética, em política, em estética, tampouco em educação. O niilismo do seu ceticismo se restringiria à metafísica, mais precisamente a um “niilismo do ser” e a um “niilismo do ente” (CONCHE, 2006, p.33). Esse duplo niilismo do seu ceticismo seria o resultado da sua suspensão do juízo acerca da existência do ser absoluto, de Deus exatamente, o que caracterizaria o “niilismo do ser”, e da existência dos indivíduos, mais precisamente dos entes, como seres portadores de um verdadeiro ser, ou seja, um “niilismo do ente” (Conche, 2006, p.27).

Mas deixemos de lado o ceticismo pouco niilista e bastante moralista de Conche e voltemos à ética do ceticismo de niilismo quase universal de Pirro, em especial, à sua noção-chave de *indiferença*. Façamos isso radicalizando o nosso questionamento a fim de dissipar todas as dúvidas e eventuais mal-entendidos acerca desse pirronismo descrito por Conche, com o qual ele mesmo não concorda plenamente: um cético pirrônico da estirpe de Pirro seria indiferente, por exemplo, ao nazismo e suas crueldades? Uma resposta razoável seria “depende”. Se esse cético fosse, por exemplo, um judeu de origem na Alemanha de Hitler e o antisemitismo fosse uma ameaça real, não só à sua *ataraxia*, mas sobretudo à sua própria vida e a vida dos seus familiares queridos, o sensato e *eticamente* esperado - não o *moralmente* esperado, conforme a distinção do próprio Conche entre ética e moral - seria que esse discípulo de Pirro se opusesse, e com atitudes extremas de enfrentamento, ao nazismo. Uma vez reagindo assim, esse cético judeu agiria não só de forma ética, na medida em que sairia em defesa da sua própria *ataraxia* e vida, mas também, como efeito colateral, de forma moral, pois acabaria contribuindo, com suas atitudes de enfrentamento, para derrotar o nazismo, mostrando assim que, para ser ético, o pirrônico não terá de ser necessariamente imoral. No entanto, se esse pirrônico fosse um alemão ariano nessa mesma Alemanha de Hitler, vivendo tranquilo e até ganhando em *ataraxia* com o nazismo em atividade, indignar-se contra o nazismo, engajar-se politicamente contra ele, seria da sua parte uma escolha mais do que moral, seria uma atitude heroica, pois, obviamente, colocaria em risco mais do que a sua própria *ataraxia*. Por outro lado, esta não seria uma atitude inteligente consigo mesmo, pois seria contrária à sua ética da *ataraxia* pessoal em primeiro lugar.

Parodiando o episódio da queda de Anaxarco, diríamos que o melhor que esse pirrônico ariano na Alemanha de Hitler teria a fazer, pensando sobretudo na sua *ataraxia*, que é o que mais importa para ele, seria deixar os judeus se afogarem no pântano do nazismo e seguir a sua vida desfrutando dos bens individuais da sua terapia da indiferença.

Assim sendo, quando pensamos esse pirronismo original, esse primeiro pirronismo, do ponto de vista dos seus meios e fins, portanto, da relação entre *indiferença* e *ataraxia*, que o constitui essencialmente como sabedoria, ética ou modo de vida, ficam evidentes a irrelevância da moral e o imoralismo predominante nesse tipo de ceticismo, afinal, permanecer impassível diante do afogamento de uma criança quando só você pode salvá-la, para assim evitar aborrecimentos e garantir a sua própria tranquilidade - situação esta conjecturada pelo próprio Conche ao pensar o dever em Montaigne e em Kant (Conche, 2006, p.36) -, isso jamais será uma boa atitude ou virtude para quem não é um niilista moral, e estes, felizmente, não são poucos em nossa cultura. Ao mesmo tempo, mesmo que não de forma consciente, não parecem ser em menor número no nosso tempo os indiferentes em relação a tudo, exceto com relação ao seu próprio bem-estar, como é o caso dos niilistas morais, niilistas políticos e niilistas estéticos que não são niilistas éticos. Em outras palavras, seja tranquilo e feliz sendo um indiferente em relação a tudo, menos em relação à sua própria tranquilidade e felicidade: eis o essencial e mais prático da lição ética e imoral, da terapia sem filantropia, da sabedoria da indiferença, da afasia teórica eudemonista do sacerdote cético e niilista quase universal considerado ao longo da história um modelo de vida reta e de coerência por vários céticos.

Referências

- BROCHARD, Victor. *Os céticos gregos*. São Paulo: Odysseus, 2009.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Apresentação da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- CONCHE, Marcel. *Pyrrhon ou l'apparence*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- _____. *O sentido da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, p. 15-52, 2006.
- DIOGÈNE LAERCE. *Vies et doctrines des philosophes illustres*. Paris: LGF, 1999.
- GAZZINELLI, Gabriela. *A vida cética de Pirro*. São Paulo: Loyola, 2009.
- SEXTUS EMPIRICUS. *Esquisses pyrrhoniennes*. Paris: Éditions du Seuil, 1997.